

# Empréstimos externos da era Lula começam a sair

**Cristiane Perini Lucchesi**

De São Paulo

Na semana que vem, começam a entrar no país os recursos dos primeiros empréstimos externos sindicalizados —que têm a participação de vários bancos comerciais— da era Lula. A maior parte dos US\$ 500 milhões de operações em andamento começou a ser montada no final de 2002, mas os bancos preferiram deixar para fechá-las agora em janeiro, com orçamentos novos e sem a necessidade de “limpeza” dos balanços para a fotografia no final de ano.

A Basf, que havia iniciado operação de US\$ 35 milhões a US\$ 50 milhões no ano passado, conforme adiantou o **Valor**, deve receber já na semana que vem a primeira parcela do empréstimo. O total deve ultrapassar US\$ 50 milhões e os prazos foram ampliados. No ano passado, a idéia era captar tudo por um prazo de dois anos de vencimento. Agora, metade dos recursos vão vencer em dois anos e a outra metade, em três, segundo informações do mercado. O custo foi mantido em Libor, a taxa interbancária de Londres, mais 5%, com diferença nas comissões.

Sob a liderança do francês BNP Paribas, o empréstimo tem como garantia os recursos a receber com a exportação da Basf do Brasil para a matriz, a Basf AG, na Alemanha. A estrutura da operação transfere para os bancos credores a titularidade dos contratos comerciais com a matriz, dos recursos a receber com os contratos e de conta bancária na qual serão creditados os recursos obtidos com a exportação. O único risco que resta aos credores é o da empresa não fazer o embarque dos produtos.

O sucesso do empréstimo tem sido grande: já confirmaram a participação o Banco do Brasil, o BankBoston, o Société Générale, o

## Empréstimos no forno

O que está para sair

| Tomador   | Líder                       | Valor<br>(US\$ milhões) | Custo                     | Prazo       |
|-----------|------------------------------|--------------------------|---------------------------|-------------|
| Petrobras | Salomon Smith Barney         | 200                      | Libor* mais 2% ao ano     | 1 ano       |
| Gerdau    | WestLB                       | 75                       | n/d                       | até 4 anos |
| Basf      | BNP Paribas                  | 25                       | Libor* mais 5% ao ano     | 2 anos      |
| Basf      | BNP Paribas                  | 25                       | Libor* mais 5% ao ano     | 3 anos      |
| Cemig     | n/d                          | 115                      | n/d                       | n/d         |
| BBA       | IFC** e Hypo-und Vereinsbank | 60                       | Libor* mais 2,375% ao ano | 1 ano       |

Fonte: mercado e empresas.

\* Taxa interbancária de Londres. \*\* International Finance Corporation, braço financeiro do Banco Mundial.

BBVA, o Natexis e o United Financial of Japan. O número de participantes já chega a sete ou mais, uma altera  o no quadro do final do ano passado, quando aconteciam apenas os chamados “club deals”, os empréstimos com a participa  o de poucos bancos —geralmente de dois a cinco.

O BBA também deve receber empréstimo de US\$ 60 milhões na semana que vem, fechado no final de 2002. Os recursos virão dos bancos comerciais, mas oficialmente v  o aparecer como tendo sido emprestados pela International Financial Corporation (IFC), o braço financeiro do Banco Mundial. Como o Banco Mundial é credor preferencial, o último a deixar de receber no caso de uma moratória de um país, alguns bancos conseguem tirar o empréstimo da categoria de risco Brasil em seus balanços. Isso permite alongamento de prazos e redu  o de spreads.

Os US\$ 60 milhões são destinados para financiar o comércio exterior. Ter  o prazo de vencimento em um ano e pagarão juros de Libor mais 2,375% ao ano. Participaram Hypo-und Vereinsbank, Rabobank, Standard Chartered, Bayerische LB, ABN-AMRO, United Financial of Japan, Wachovia, Sco-

tiabank e Banco de Montreal.

A Petrobras, apesar de todas as mudanças com o governo novo, manteve a capta  o de US\$ 200 milhões que está realizando sob a liderança da Salomon Smith Barney. A idéia é usar no empréstimo a estrutura já montada para uma venda de títulos garantidos por recebíveis de exporta  o, uma chamada securitiza  o de recebíveis, que inclui a cria  o de uma empresa de propósito específico que emite os papéis. S   assim a empresa conseguirá as taxas baixas que deseja: Libor mais 2% ao ano.

O WestLB também vai terminar a distribui  o para outros bancos de um empréstimo de valor total de US\$ 100 milhões    Gerdau, dos quais US\$ 35 milhões já foram repassados à empresa. A opera  o, iniciada no ano passado, como adiantou o **Valor**, ainda não tem previsão de fechamento.

A Cemig (Centrais Elétricas de Minas Gerais)    a única empresa que está lançando uma opera  o nova este ano, pelo menos por enquanto. Trata-se de uma rolagem de US\$ 115 milhões em d  vidas, dos quais US\$ 60 milhões já venceram e o resto vence neste primeiro trimestre, segundo o superintendente de rela  o com os investido-

res da Cemig, Luiz Fernando Rolla. O líder ainda não foi escolhido. A empresa está contatando os bancos e espera ter até o final da semana que vem propostas de empréstimos estruturados de “prazos longos e custos baixos”, diz ele.

Segundo o superintendente da Cemig, uma das alternativas em estudo já adotada pela empresa anteriormente s  ria comprar performance de exporta  o de uma grande exportadora e, com base nessa performance, tomar um empréstimo vinculado à exporta  o e com garantias nesses recursos a receber. “O mercado deu uma melhoradinha pequena, depois de ter travado completamente no final de 2002”, diz ele. “Mas ainda está difícil”, completa.

Empréstimos bancários sem estruturas pesadas de garantias não saem e o apetite continua limitado a pouquíssimos nomes e volumes baixos. Mesmo empréstimos sob o guarda-chuva do IFC não atraem interesse generalizado, pois a Argentina não está pagando d  vidas com o Banco Mundial.

Lançar bônus no mercado externo de capitais, mesmo em opera  es de securitiza  o de recebíveis, está fora de questão para empresas não-financeiras. “O interesse do investidor do mercado de capitais se restringe aos títulos de d  vida do governo federal brasileiro e aos papéis dos bancos e de curto prazo”, diz Luís Ant  nio Soares, sócio-diretor da Eurovest Securities.

Segundo o diretor de banco estrangeiro que preferiu não se identificar, o cenário do crédito externo não deve melhorar muito para as empresas brasileiras, pelo menos no primeiro semestre. Além do receio com o novo governo e da crise política em países da América Latina, há uma aversão ao risco internacional, inclusive por causa da possibilidade de guerra entre os Estados Unidos e o Iraque.